



# Mestre Rainha Almeida

Acervo de Memória



**Maracatu Vozes da África – 1982  
(Estréia como Rainha de  
Maracatu)**



**Maracatu Az de Ouro – 2000**

# Maracatu Nação Iracema – 2004





**Maracatu Nação Iracema –  
2003**



**Maracatu Nação Iracema – 2005  
(Apresentação nas cidades de Maranguape e Palmácia-CE)**

No nosso folclore a influência do português foi marcante. São de origem portuguesa, por exemplo, as cantigas de ninar, as cirandas, danças, como a cana-verde, e folguedos populares, como o fandango e o pastoril.



#### A presença do negro

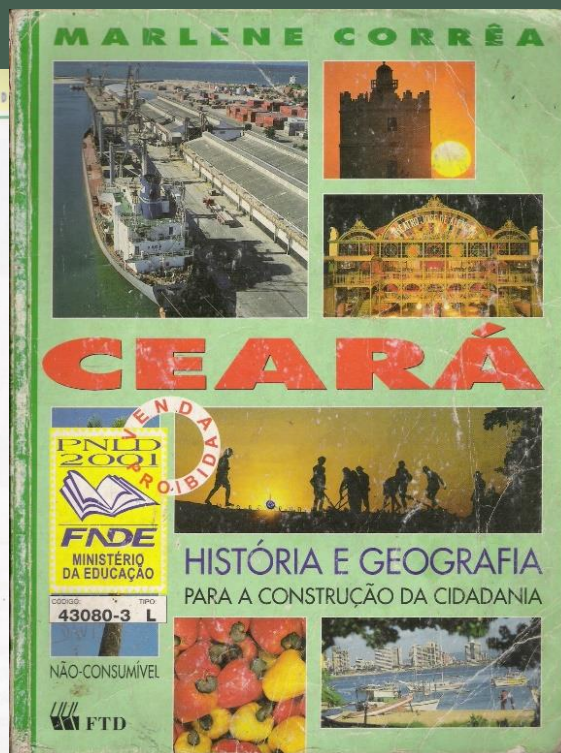
Como vimos, em nosso estado, o negro teve participação menos marcante no processo de miscigenação do que em outras regiões do país, onde a mão-de-obra escrava foi mais intensamente utilizada. Em termos culturais, no entanto, a presença negra é tão importante no Ceará quanto no restante do Brasil. Afinal, compartilhamos, ao longo de séculos, de um mesmo processo de formação cultural – e é isso que nos dá a identidade de brasileiros.

Como em outras partes do Brasil, muitas palavras de origem africana passaram a fazer parte de nosso vocabulário: banguela, berimbau, caçamba, cachaça, banzo, cachimbo, cacimba, calouro, cafundó, canjerê, capanga, mandinga, lundu, malagueta, marimbondo, moleque, maxixe, mulambo, quitanda, quitute, tanga. Incorporamos como gíria termos afros, como cafifa, imbuança, mucufa, cajuçu. Uma das peças da jangada tem nome de origem africana, a quimanga.

Alguns cultos e celebrações de cunho religioso, assim como danças e pratos de origem africana, chegaram ao Ceará através de outros estados nordestinos. Embora não estivessem presentes em nossa formação tradicional, foram incorporados à nossa cultura.



Maracatu na avenida Duque de Caxias, em Fortaleza.



**Livro "Ceará – História e Geografia para a Construção da Cidadania" - 1998**



**Maracatu Vozes da África – 1997**

**Escola de Samba Unidos do  
Acaracuzinho – 1996**



# ÓPERA BUFA

10 BUCHICHO

FERNANDO COSTA

fernandocosta@opovo.com



OPOVO

FORTALEZA-CE, SÁBADO, 25 de fevereiro de 2006

## GOSTO QUE ME ENROSCO

Dia desses escrevi aqui do meu desprezo por aquilo que alguns falsos agrários tornaram meio de vida, a tal da inatacável e por eles equivocadamente chamada de "cultura popular". Dois ou cinco guias de cego fizeram beicinhos e mandaram recados de soslaio. Esse negócio de democracia é mesmo muito chato, sempre tem alguém com opiniões contrárias ao seu ganha pão. Mas, todavia, contudo e no entanto devg, ou melhor tenho o dever de escrever em alto e bom som, se é que isso é possível, que tenho uma queda, um certo amor, um carinho todo especial por essa manifestação cultural auto-intitulada Maracatu. Meus bons deuses, como é emocionante ver a dignidade daqueles homens vestido de damas, princesas e rainhas, com o rosto pintado de negro, embalados por loas tristes como uma virgem.

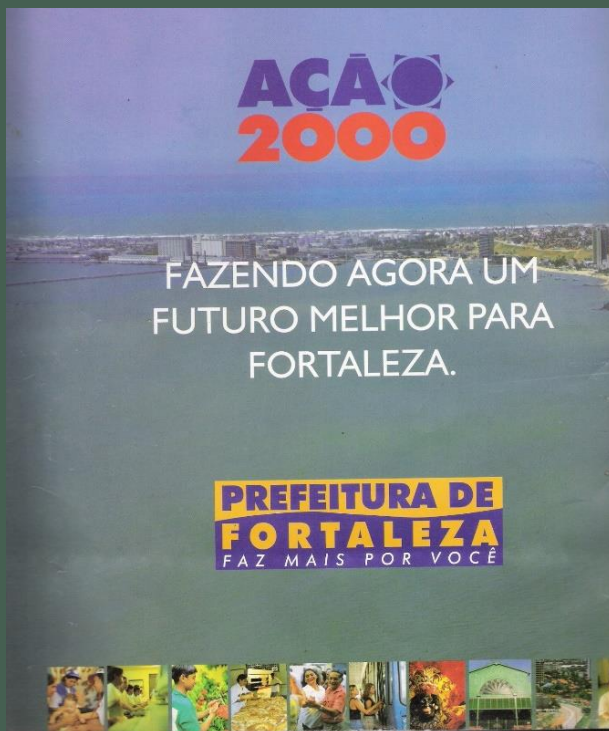
Aquele cortejo dá ao nosso pobre carnaval de rua um tom mágico e eloquente, quando a noite cai sobre a Domingos Olímpio e a batida do Maracatu vai sincronizando a batida dos corações presentes, percebes que uma onda de respeito vai se apoderando da platéia de famílias, putas, travestis, bichas, vagabundos, papudinhos e do canelau em geral que tomar as arquibancadas e calçadas da avenida.

O Maracatu introduz um determinado quê de sagrado naquele ambiente profano. Por uma hora ou três o falso negrume daquela gente suburbana toma de assalto o poder aldeotino. A miséria humilha os podres de ricos cercados de dólares e ignorância com sua majestade rítmica. Amanhã, fuja da Aldeota, desça a Serra, (não confundir com o urubu paulista que quer governar o Brasil), e torne-se parte da massa que faz o pão cultural sem precisar ser porta-estandarte de um bloco que alguns só fazem parte, para esquecer que um dia serviram, e como, ao velho e bom capitalismo. "Eles são muitos, mas não sabem voar."



FOTO GENTIL BARBEIA

Jornal O Povo - 2006



**Folheto promocional –  
Prefeitura Municipal de  
Fortaleza - 2000**

# brasil !

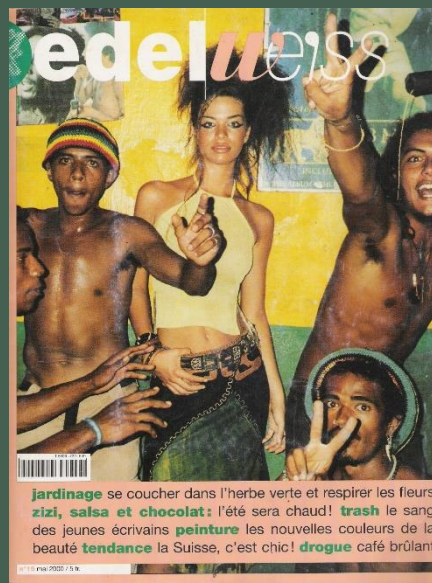
Soleil et sourires, musique et eau salée, carnaval et salsa, chaleur et poussière... toute l'énergie lumineuse du Brésil pour embrasser l'été.

photos / Hanspeter Schneider



*Menant la procession, la belle Sylvia porte un ajisabeté en soie entièrement rebrodé de pellicettes (Chanel).*

/ 48 edelweiss



n°15 mai 2000 / 5 fr.

Maracatu Az de Ouro - Revista  
suíça de moda "Edelweiss" - 2000



Maracatu Az de Ouro - Revista  
suíça de moda "Edelweiss" - 2000

Robe en crochet à franges (Morgan),  
culotte de bikini (H&M), mules en cuir  
violet à touffes de reptile multicolore  
(Zoe Lance)



**Maracatu Nação Iracema – 2005 (Cidade de Palmácia-CE)**



**Maracatu Nação Iracema – 2006**

**Maracatu Nação Iracema – 2008  
(Colégio José Milton – Cidade de  
Maracanaú-CE)**





**Maracatu Nação Iracema – 2006**



**Maracatu Nação Iracema – 2006**



Maracatu Nação Iracema – 2015



**Maracatu Nação Iracema – 2012**

## Maracatu Nação Iracema – 2009





**Comemorações do Dia 25 de Março – Data Magna do Estado do Ceará e Dia do Maracatu - Maracatu Nação Iracema – 2017**

# Gravação do documentário "Mestre Almeida – Rainha do Maracatu Cearense" - 2017



DOCUMENTÁRIO DO MESTRE JOSÉ DE PAULA ALMEIDA 2017 (Rainha do Maracatu Cearense)



# Espaço Cultural Toinho Marinheiro

Currículo

## Sobre o Espaço

- O Espaço Cultural TOINHO MARINHEIRO, foi criado em em 14 de abril de 2018, em homenagem a Antônio Bezerra de Almeida, pai do Mestre Rainha Almeida. Toinho Marinheiro era bastante conhecido na região do Vale do Jaguaribe, em especial na cidade de São João do Jaguaribe. Neste espaço, Mestre Almeida Rainha tem exposto objetos de referência sobre o Maracatu, coletados em seus mais de 40 anos de atuação. Faz parte do acervo uma vasta biblioteca com títulos referentes ao Marcatu Cearense, às questões raciais e sobre a Cultura Cearense no geral. Faz parte também uma significativa videoteca com filmagem de mais de uma década de desfiles de Maracatus, Blocos, Cordões e Escolas de Samba em Fortaleza, bem como filmagem da participação de Mestre Almeida em eventos folclóricos no Ceará e no Brasil. O Espaço Cultural Toinho Marinheiro recebe visita de pesquisadores, estudantes de escolas públicas e privadas, além de reuniões, e rodas de conversas sobre a cultura tradicional popular e em especial, as manifestações carnavalescas da comunidade, tais como os Maracatus e Escolas de Samba.

# Atividades



Visita de Equipe de Missionários ao Espaço Cultural Toinho Marinheiro – Setembro de 2023

# Atividades

Mazukiekes Caitano Beserra Aluno do Curso de  
Guia de Turismo - IFCE Fortaleza - Turma 2023.2



# Atividades



Palestra Personagens e Dança do Maracatu Cearense – Cidade de Juazeiro do Norte – Abril de 2023

# Atividades



Palestra Liceu – Cidade de Senador Pompeu –  
Fevereiro de 2023

# Atividades



Palestra EEIEF Pedro Holanda – Zona Rural de Senador Pompeu – Fevereiro de 2023

# Atividades



Palestra História do Maracatu Ceanrese - Senador Pompeu – Fevereiro de 2023

# Atividades



Roda de Conversa com brincantes do Maracatu Humaitá / Fundação Santa Teresinha - Senador Pompeu – Fevereiro de 2023

# Atividades



Palestra sobre a História do Maracatu Cearense –  
Cidade de Senador Pompeu – Fevereiro de 2023

# Atividades



Palestras sobre Maracatu Cearense – Cidade de Cariré – Março de 2023

# Atividades



Palestras sobre Maracatu Cearense –  
Cidade de Cariré – Março de 2023

# Atividades



Palestras sobre Maracatu Cearense – Cidade de Cariré – Março de 2023

# Atividades

Visita do pesquisador e Coordenador do Fórum Cearense de Cultura Tradicional Popular Hidelbrando Marciel ao Espaço Toinho Marinheiro – Novembro de 2022



# Atividades



Presença do Mestre Almeida caracterizado em Audiência Pública na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, em atividades prévias à instalação do Espaço Cultural – Fortaleza – Novembro de 2013

# Acervo em processo de elaboração de Projeto Museológico





# Imagens da situação atual do Espaço







# Tribuna do Ceará

Fortaleza, sábado, 24 de março de 1984



Maria Tomasa



Pedro Pereira



Antônio Bezerra

1884 - 25 de março - 1984

## Centenário da Abolição

Texto de José Cláudio de Oliveira



João Correia

## dos Escravos no Ceará

Ilustrações de Rubens de Azevedo

Foi a nossa Província a primeira no Brasil a abolir a escravidão. José do Patrocínio, o grande viliano negro, em razão disso, num dos seus magníficos discursos pronunciou o Ceará de Terra de Luz, terra de Liberdade. A abolição (o cativo entre nós se insere como a página mais gloriosa e mais humana da História do Ceará).

O Mundo progressista e não havia mais razão para que os negros fossem de pele negra permanecessem escravos. Eles trabalhavam no lavouro e nos serviços domésticos, eram humildes e viviam submetidos ao tacão dos seus Senhores, seus donos, como se gente não fossem. Assim não eram reconhecidos e, portanto, vendidos como mercadorias ordinárias.

No Ceará, em relação às demais Províncias, eram muitos os escravos. Nem por isso deixava de existir o forte sentimento de unidade de negros. Aqui, bem diferente (por ser proprietário, eram obrigados para os senhores causarem, inclusive a sustentarem sua própria pessoa. Foi a abolição (foi uma concessão decorrente de luta social) feita entre os

cearenses que iniciaram em Fortaleza, no ano de 1879 um movimento emancipador, para fundação de uma sociedade Perseverança e Porvir.

### OS PRIMEIROS ABOLICIONISTAS

Os primeiros abolicionistas, membros da sociedade Perseverança e Porvir, foram José Amador, José Teodoro da Costa, Antônio Cruz Salgado, Alfredo Salgado, Joaquim José de Oliveira, José Barros da Silva, Manoel Albano Filho, Antônio Martins, Francisco Araújo e Antônio Soares Teixeira Júnior.

Em 1880, esses mesmos abolicionistas fundaram a Sociedade Libertadora Cearense, com 225 filiais. Essa Sociedade promoveu, de início, a libertação de três escravos.

Hoje a valiosa adesão recebeu a Sociedade Libertadora Cearense. Não se esqueceram João Correia, Francisco Borges, Antônio Bezerra, Almeida Teodoro Alencar, Isaac Amador, José Manoel e outros outros. O Libertador nasceu a jornal de Sociedade, pelo qual eram divulgadas as ideias abolicionistas. No dia 25 de março de 1881, a Sociedade aderiu 26 escravos.

### O DRAGÃO DO MAR

Os jagatoiros cearenses, desde janeiro de 1881, fecharam o porto de Fortaleza ao embarque de escravos. À sua frente destacou-se o jagatoiro Francisco José do Nascimento, conhecido como o Dragão do Mar. Em agosto desse mesmo ano, desistiram, embora pelo vapor Esplendor Santo dos escravos, mas os jagatoiros recusaram levá-lo e bordo apesar de presença do Chefe de Polícia, Dr. Tarquínio Vieira, que consentiu ao trapiche para cogitar, João Carlos de Silva Jurell, abolicionista, desparou com os seus negros.

Uma nova sociedade, o Ceará Abolicionista 25 de Dezembro, foi fundada a 19 de dezembro de 1883 e muito realçou em prol do movimento redentor. Sua lista foram João Lagoa Pereira Filho, João César de Farias Filho, Joaquim Domingos da Silva, Dr. Manoel de Farias Alencar, Antônio Lobo Miranda, Cláudio João Paulo Barbosa, Afonso Albuquerque, Dr. Guilherme Buarque (Baque de Buarque), Bento Luiz Gama, José Mariano Pereira Alencar e Narciso Vieira da Cunha.

## A luta contra a

Vinte e um de março, Dia Universal Contra a Discriminação Racial, é um bom momento, para se conhecer a situação da população negra brasileira. A história do negro, no Brasil, é de muito sofrimento, de muita exploração e de muita injustiça, segundo José Oscar Bezzoz, autor do estudo A Situação do Negro na Sociedade Brasileira. Falado sobre a emigração dos negros, ele afirma que eles foram obrigados a emigrar depois de caçados e vendidos. Aqui, encontraram o regime de trabalho escravo, não por alguns anos, mas por toda a vida, não só para si mas para todos os filhos que viessem a ter; um regime onde tinham todos os deveres e nenhum direito.

Não se sabe ao certo o número de escravos que entrou no Brasil durante os três séculos e meio do tráfico escravo. Os números mais aproximados estão em torno de 35 e 4 milhões de escravos. Como salienta Bezzoz, num tempo de escravos que entrava, no Brasil, aumentava a cada século, tornando-se uma atividade cada vez mais importante. Nos séculos XVI e XVII, os escravos vieram, principalmente, para o litoral nordestino de Salvador até a Paraíba, com maior concentração na Ba-

hia e em Pernambuco; onde se encontrava o maior número de engenhos de açúcar. Foram empregados, também, nos engenhos de açúcar do norte fluminense e em menor escala em outros pontos do País.

### EXPLORAÇÃO

Nos dois primeiros séculos (XVI e XVII), os escravos trabalhavam nas plantações de cana e de fumo. Já no século XVIII, os escravos, embora continuassem vindo para trabalhar nas plantações de cana, eram levados em sua maioria para as minas de ouro e diamantes de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Nesse período, entraram quase dois milhões de escravos no Brasil. No século XIX, a situação mudou. Os negros, agora, eram destinados à cultura do café. As zonas que mais importaram escravos foram os vales do Paraíba fluminense e Paulista e o Sul de Minas Gerais, onde se encontravam as fazendas de café daquela época.

Quando houve a interrupção do tráfico de escravos, a falta de mão-de-obra tornou-se aguda no Rio de Janeiro. Recorreu-se, então, à mão-de-obra europeia que era insuficiente. Houve, nessa época,

uma massiva transferência de mão-de-obra escrava das outras regiões do País.

Os negros lutaram muito para obter sua liberdade. Os quilombos existiram por toda a parte do Brasil, na Bahia e na Amazônia, em Minas Gerais, em São Paulo. O mais celebre de todos foi o que se foi organizado na parte sul de Pernambuco e no interior de Alagoas, na região de Zona da Mata para o Agreste pernambucano e nas cercanias da encosta meridional do planalto da Borborema, em Alagoas. Passou a ser conhecido como Palmares e seu crescimento foi muito facilitado pela ocupação holandesa de Pernambuco em 1630.

### SITUAÇÃO ATUAL

De acordo com os Dados da Realidade Brasileira, Vozes, 1982, a renda média mensal é quase três vezes maior para um trabalhador branco do que para um trabalhador negro. O grupo negro dentro da sociedade brasileira e o que mais trabalha e o que menos recebe. A remuneração do grupo negro, também, não chega à metade da remuneração do grupo branco. Quanto a certa área social, a situação é mais grave ainda.

## discriminação racial



Como se não bastasse a discriminação no trabalho, a população negra é também a mais atingida pela falta de instrução escolar. O número de pessoas analfabetas dentro do grupo branco alcançava 10 em cada 100. Entre os negros, 42 em cada 100 e entre os pardos, 31 em cada 100. Isto significa que entre os pardos havia duas vezes mais analfabetos do que entre os brancos e que, entre os negros, havia quase três vezes mais.

Ainda de acordo com os dados dessa pesquisa, constatou-se que o chefe de família quando é branco recebe em média 4,7 salários mínimos, e quando é negro, 1,7 salários mínimos. A mulher branca quando é chefe de família recebe menos da metade do que o homem branco, 2,0 salários mínimos. Mas, assim mesmo, o que a mulher branca recebe ainda é quase três vezes mais do que a mulher negra que é também chefe de família, pois esta recebe apenas 70% de um salário mínimo. A mulher parda situa-se no mesmo grau de exploração, pois recebe 80% de um salário mínimo.

Como ressaltava Bezzoz, "o grupo negro entrou com enorme desvantagem em relação ao imigrante branco também pobre, na for-

mação da sociedade assalariada". No que se refere à educação, por exemplo, é bom que se saiba que a Constituição de 1934, que continuou vigorando até 1988, declarava que o ensino de 1º. Grau no Brasil passava a ser obrigatório para todos os brasileiros. Mas à frente, porém, declarava que dois grupos de pessoas estavam proibidos de frequentar a escola: os leprosus e os escravos. O resultado é que muito poucos negros e escravos sabiam ler e escrever, quando foi abolida a escravidão.

Como explica Bezzoz, "a conclusão disto tudo é que para o grupo negro não houve, apenas, as enormes desvantagens herdadas da escravidão, mas ainda outras que foram impostas fora do trabalho, como a proibição de aprender a ler e a escrever. O escravo não ficou ignorante porque queria, mas porque era proibido de deixar de se ser ignorante, pois isto interessava e continua interessando, hoje, as classes dominantes. Enquanto se deu tempo à imigrantes brancos, ao menos a uma parcela destes imigrantes, negou-se a terra aos descendentes dos escravos, que teriam muito mais direito por já viverem há tanto tempo no País.

"O Govo" 20 Março 84

MARCIA CAMINHAO PROPRIETARIO MARCIANO CAMINHAO ANO PLACAS CAPACIDADE SVVA

